

SINAL DE CONTRADIÇÃO É A MINHA MISSÃO

Rafael Henrique Gusso Rosado – CVX Nossa Senhora da Estrada – Curitiba (PR)

Introdução

Queremos nesse momento refletir sobre o tema deste encontro: “de nossas Raízes às fronteiras”. Ou seja, queremos tomar como ponto de partida nossa identidade e ver como isso nos leva à missão, em direção àqueles lugares aonde ninguém quer ir. Nesse movimento não importa tanto o ponto final, vale mais a direção. Então afinal, para onde está indo nossa CVX?

Já que estamos falando de movimento, aquele devemos fazer nessa Assembleia para tentar responder à pergunta anterior é: 1) Resgatar algo de nossa identidade na nossa raiz comum (Jesus Cristo); 2) Aprofundar a especificidade da nossa condição (leigos inacianos); 3) Encarnar na realidade concreta da CVX (como uma comunidade de leigos inacianos).

O eixo dessa reflexão será a “convivência com paradoxos”. Na ciência, por exemplo, muitas vezes, as aparentes contradições moveram a humanidade a novas descobertas. No campo da fé algo semelhante acontece, basta ver o exemplo do Papa Francisco, que surpreende com atitudes não esperadas da parte de um Papa, fazendo-nos refletir sobre como nós agimos e nos transformando. Então o que vamos tentar ver é que essas “contradições” – no caso da nossa fé – não são por acaso, elas têm exatamente origem (“raiz”), na pessoa de Jesus. Compreender em profundidade esse paradoxo na pessoa de Jesus é chave para se compreender e viver o cristianismo hoje. A partir daí queremos refletir: “Como a CVX se deixa interpelar e se move adiante a partir da vivência desse paradoxo?” Ou ainda: “Como a CVX descobre esse paradoxo nas suas raízes e isso a move em direção às fronteiras, em direção ao novo?”.

1. O paradoxo em Jesus Cristo

No ensaio original “Sinal de contradição é a minha missão” há uma reflexão mais ampla sobre “o paradoxo em Jesus Cristo”. No espaço desta Assembleia não há tempo para mergulharmos nisso, mas não podemos abrir mão de ao menos citar para onde essa reflexão nos leva: eliminar o paradoxo da vida de Jesus é deixar sua mensagem vazia. Sem paradoxo não há encarnação, não há Reino, não há cruz e não há ressurreição!

Portanto, ser cristão – e ser fiel ao seguimento de Jesus – é também viver esse mesmo paradoxo. Entretanto, é claro que isso não significa fazer o mesmo que Jesus fazia. Precisamos aprofundar a questão a partir da nossa vocação específica na Igreja: a de **leigos inacianos**, membros da **Comunidade de Vida Cristã (CVX)**.

2. O paradoxo e o leigo inaciano

Podemos começar com uma pergunta que nos norteie: como uma pessoa inaciana é chamada a viver o paradoxo de Jesus hoje?

Sabemos que para o inaciano **experimentar** é essencial. É a partir da experiência de Deus nos Exercícios Espirituais (e da experiência de Deus na vida trazida para os Exercícios) que a pessoa inaciana vai sendo forjada.

E já nos primeiros contatos com os Exercícios é fácil perceber como nossa espiritualidade está marcada por paradoxos. Para exemplificar veja aqueles que Codina enumera em seu artigo *La paradoja ignaciana*:

- Há uma insistência de que Deus se comunica de modo direto e imediato com o exercitante. Contudo, fazer os Exercícios, implica necessariamente em acompanhamento.
- Há uma tensão constante entre buscar o maior serviço e a maior glória de Deus e o desejo de se parecer cada vez mais com o Cristo pobre e humilde.
- A indiferença é condição necessária para a pessoa buscar e encontrar a vontade de Deus. Porém, a eleição aparece como dom e graça, movendo a própria vontade.
- Fala-se do Reino de Cristo e do seu projeto de conquistar o mundo, ao mesmo tempo em que se pede passar por injúrias e humilhações no seguimento de Jesus pobre.
- Você deve ser louco por Cristo, mas se exige a discreta caridade.
- Fala-se do Reino em todo o processo dos Exercícios e não da Igreja. No entanto o processo dos Exercícios termina com as “regras para sentir com a Igreja”.
- Confia-se plenamente no Espírito para as eleições. Contudo, busca-se confirmação na razão e no discernimento das moções internas.
- Deus parece algo transcendente, e até distante, como a “Divina Majestade” do Princípio e Fundamento. Por outro lado, revela-se na ingenuidade das contemplações da infância de Jesus.
- Por um lado, parece uma espiritualidade mística. Por outro, está aberta ao mundo e ao compromisso com a história.
- Quer formar pessoas contemplativas na ação, isto é, relativiza a oração formal e potencializa a importância do discernimento.

Internalizar isso tudo e converter em estilo de vida não é uma tarefa exatamente simples. De fato, custa-nos muito captar que tudo gira em torno de uma missão que é maior que nós individualmente, maior que nossa família, maior que nossa comunidade, maior que a Igreja! Custa-nos captar que tudo depende do discernimento e que não podemos ceder à tentação de buscar as respostas concretas mais fáceis. Custa-nos captar que esse discernimento não encontrará um fim nunca! Custa-nos resistir à tentação de ficar esperando que alguém nos diga o que fazer!

O carisma inaciano é difícil de captar e mais ainda de viver. [...] Surpreende por sua universalidade [...] e por sua falta de concretização.¹

Em outras palavras, do inaciano não se espera nada, mas se espera tudo! Há entre nós catequistas, ministros da eucaristia, acompanhantes espirituais, políticos, educadores, pais e mães de família, teólogos e até missionários na Amazônia... E ao mesmo tempo em que realizamos todas essas tarefas, nenhuma delas é própria ou específica do nosso carisma.

Podemos qualificar o carisma inaciano como paradoxal. [...] Não é isto ou aquilo, mas sim isto e aquilo também. Sua definição é não poder definir-se.²

¹ CODINA, Víctor. La paradoja Ignaciana. *Revista Manresa*, [S.l.], v. 61, p.277, 1991.

O grande dano que essa falta de definição pode provocar é a tentação de eliminar a tensão, ou seja, a tentação de se dizer *a priori* o que um inaciano deve fazer. Pois é exatamente da tensão provocada pelos Exercícios Espirituais que nascem as tarefas concretas. É essa tensão que leva o inaciano às fronteiras, a assumir aquela tarefa que ninguém mais quer fazer. É essa tensão que faz com que de um inaciano se espere tudo!

Eliminar [as tensões] seria destruir a essência do carisma inaciano. O que para alguns representa uma falta de identidade constitui, no fundo, a identidade mais profunda do carisma inaciano.³

Então hoje, nessa assembleia, se queremos fazer uma reflexão honesta sobre nossa missão, sobre a que fronteiras somos chamados a nos dirigir, não podemos buscar as respostas mais simples. Da mesma forma que não podemos deixar de dar uma resposta, afinal, esquivar-se seria exatamente “eliminar a tensão”.

2.1. Estar no mundo, sem sair do mundo

Para tentar dar uma resposta, quero tomar como ponto de partida a própria pessoa de Inácio, por isso veja as seguintes palavras de Victor Codina:

A vida de Inácio está cheia de paradoxos e aparentes contradições. [...] Existe uma tensão permanente entre Iñigo e Inácio. [...] Sem Iñigo, o carisma inaciano degenera em maquiavelismo, [...] hipocrisia e falsidade. Porém, sem Inácio, a Companhia de Jesus não seria o que é, não teria alma, não seria o grupo de [...] companheiros de Jesus, a serviço do Reino, na Igreja. [...] Se articulam nele dialeticamente Reino e Igreja, Jerusalém e Roma, Criador e Redentor, ação e contemplação, Espírito e encarnação, carisma e instituição, confiança e trabalho, silêncio e palavra. [...] É a dialética de união sem confusão, sem separação, nem divisão, mas de vivência a partir da mística do serviço e da cruz.⁴

Inácio escolheu não fugir do mundo. Assumiu as limitações e condicionamentos que a vida lhe impôs, sem reclamar. Soube encontrar a Deus em todas as coisas e, partir daí, fez de todas elas instrumentos para a construção do Reino.

E nós, hoje, que resposta devemos dar? Certamente, somos também chamados a “estar no mundo sem sair do mundo”. É exatamente de dentro desse mundo que somos chamados a proclamar a presença de Deus em todas as coisas. O inaciano não pode jamais declarar o mundo como inimigo, ameaça que precisa ser aniquilada, obstáculo para a presença de Deus. Ao contrário, é de dentro da lógica tortuosa deste mundo que devemos declará-lo como o lugar privilegiado da Sua presença, lugar de oferta generosa das nossas vidas.

É daí que nasce a missão do leigo inaciano. Não podemos simplesmente negar o mundo. Realizamos os mesmos trabalhos que os não crentes e nossos filhos estudam, se divertem e se alimentam também nos mesmos lugares que qualquer pessoa comum.

A nossa diferença é saber buscar e encontrar a Deus em cada coisa que nos cerca. Quando isso acontece, então somos capazes de fazer dessas coisas instrumentos para a construção do Reino. Não podemos perder tempo lutando contra coisas que já estão aí. Demonizar o dinheiro, as novas técnicas, os avanços científicos, os governos ou as estruturas não leva a lugar algum. Veja, não estou falando de nada distante, mas de coisas que fazem parte de nossa realidade.

² CODINA, Víctor. La paradoja Ignaciana. **Revista Manresa**, [S.l.], v. 61, p.277, 1991.

³ Idem.

⁴ Idem.

Quantas vezes não demonizamos a estrutura da própria CVX? Não fugimos das discussões de orçamento, estatuto, tecnologia para encontros virtuais? Não podemos negar nada disso! Ao contrário, é nosso dever fazer disso tudo oportunidade para o encontro com Deus!

Veja que isso ganha uma ênfase especial na vida do **leigo** inaciano. Nossa espiritualidade nos chama cada vez mais a nos aproximarmos das fronteiras e dos pobres, no entanto não podemos descuidar de nossas famílias, assegurando-lhes inclusive recursos econômicos.

O leigo inaciano vive uma tensão permanente entre a preocupação consigo e a preocupação com o outro. Para sobreviver neste mundo, não pode se descuidar do eu. Por mais contraditório que pareça, deve estar preparado para a competição. A diferença é que não competimos para ter prazer imediato, para ter o carro do ano ou o celular topo de linha. Não é isso que nos move. Para nós, o centro da vida está no compromisso com a novidade de Deus acolhida em oração. Nossa espiritualidade exige dar atenção ao outro e pede respostas criativas nas mais variadas situações.

Não é tempo de queixar-se, nem de tentar recuperar espaços e prestígios do passado, nem de nos evadirmos em espiritualidades que nos distanciem do real, nem de nos diluirmos em atividades frenéticas, nem de nos armarmos com fundamentalismos defensivos. É tempo de criar as novas propostas de Deus.⁵

Precisamos usar esse espaço da Assembleia para “descobrir a novidade que Deus nos oferece hoje, para acolhê-la e para nos comprometermos com ela”⁶. Sem criatividade, correremos o risco de ficar no campo das respostas fáceis, aquelas que eliminam a tensão. Por isso, é pelo campo das respostas criativas, da novidade que Deus suscita em nós, que devemos prosseguir. Qual é essa resposta criativa para a CVX?

3. O paradoxo e a Comunidade de Vida Cristã (CVX)

A chave para entender a missão da CVX é que ela nunca é do membro isolado. Assim como a missão não era de Jesus, mas do Pai que o enviou, a missão de um membro da CVX nunca é sua, mas da comunidade que o envia. A missão é do **CORPO**.

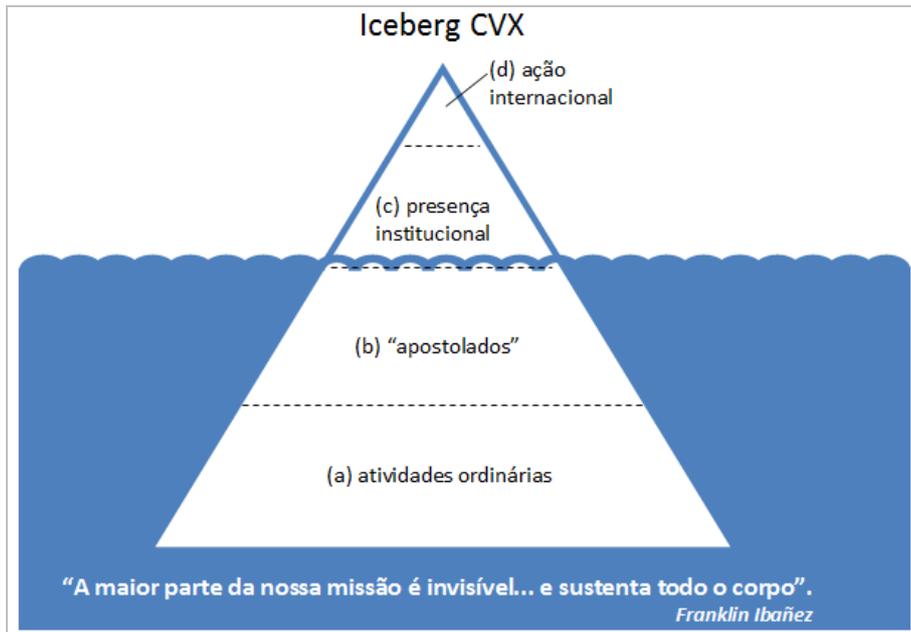
Vejamos mais uma vez o exemplo de Inácio: certamente, após a sua conversão, ele poderia ter optado por ser um padre diocesano, dedicando sua vida a uma comunidade paroquial, na qual poderia dar seus Exercícios a um bom número de pessoas, que certamente também se engajariam individualmente em atividades apostólicas. Essa seria uma **comunidade de apóstolos**, e não era isso que Inácio queria! Ele acreditava que o todo é maior do que a soma das partes. Acreditava que a amizade nascida da experiência dos Exercícios poderia reunir pessoas em torno de **uma missão** comum, mais universal. Um verdadeiro **Corpo Apostólico**, no qual cada pessoa seria como um membro, contribuindo com atividades diversas para um objetivo comum. O resultado disso foi a maior e mais influente ordem religiosa que a Igreja já viu!

Podemos fazer uma analogia com essa experiência para entender a missão na CVX: nos reunimos e formamos uma comunidade porque acreditamos que dessa forma podemos realizar um bem mais universal. Nossa comunidade quer ser **um corpo apostólico laical em missão no mundo!** Mas, afinal, como entender essa missão comum? Franklin Ibañez, Secretário Executivo Mundial da CVX, apresentou para a Assembleia no Líbano um modelo bastante esclarecedor: a missão comum como um **iceberg**.

⁵ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear**: polaridades evangélicas. Santander: Sal Terrae, 2009.

⁶ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear**: polaridades evangélicas. Santander: Sal Terrae, 2009.

3.1. Um *iceberg* chamado missão comum



1º nível: atividades ordinárias

Neste nível, estão as atividades da vida cotidiana. O próprio Jesus nos disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”⁷. Nossa primeira missão é viver em abundância, ou seja, é viver plenamente nossas vidas como bons cristãos! Em um linguajar iniciano, tratamos de “buscar e encontrar a Deus em todas as coisas”, na simplicidade da vida, seja na rotina do trabalho, no almoço com a família ou levando as crianças para a escola. Encontrar a Deus em tudo e em todos é motivo de grande alegria! Por isso, nosso modo de ser é, antes de tudo, um modo alegre e que quer contagiar alegria e esperança. É aí que fazemos a diferença!

Contudo, essa missão a que toda nossa comunidade se dedica é invisível. Simplesmente não aparece. Está na base do *iceberg*, submersa.

2º nível: apostolados

Neste nível, enquadramos aquelas atividades que desempenhamos fora do nosso horário de trabalho e que não são remuneradas. Trata-se de dedicar parte do tempo livre para atividades pastorais ou sociais, como a catequese ou o voluntariado em alguma ONG.

Se o membro CVX sente o desejo e tem disponibilidade para dedicar mais de seu tempo e de si mesmo, não há motivo para não fazê-lo. Os últimos levantamentos estatísticos dão conta de que 70% da comunidade mundial desempenha alguma tarefa desse tipo! E a maioria desses apostolados é em obras que **não** pertencem a CVX, ou seja, não levamos o crédito por esse trabalho. Em outras palavras, a missão da CVX nesse nível também é invisível, ou, na melhor das hipóteses, um pouco visível e, ainda assim, de maneira difusa.

Por isso, em nosso *iceberg*, esse nível também está submerso. Porém, seu volume é um pouco menor que o primeiro nível e sua posição está logo abaixo da superfície.

⁷ Jo 10, 10

3º nível: presença institucional

Neste nível, a CVX tem presença apostólica como instituição, ao passo que nos níveis anteriores tinha presença por meio de membros individuais. No levantamento para a Assembleia do Líbano, constam aproximadamente 40 obras, distribuídas em 15 países: colégios, ONGs, centros para migrantes, dentre outros. Algumas delas são propriedades da CVX (temos um compromisso legal por elas) e em outras somos os responsáveis pela direção (como exemplo, há casos em que a Companhia de Jesus entregou a direção de suas obras).

Diferente dos níveis anteriores, este dá visibilidade à missão da CVX. Por isso, em nosso modelo, é a parte do *iceberg* logo acima da superfície.

4º nível: ação internacional

Trata-se de uma novidade apresentada na Assembleia do Líbano. A experiência nos mostrou que precisamos de missões mais concretas ou particulares, pois elas tendem a garantir uma maior visibilidade da missão da CVX e também a garantir mais eficácia apostólica. A assembleia definiu então nossas prioridades apostólicas pelos próximos cinco anos: família, “globalização e pobreza”, ecologia e juventude.

Ao definir um objeto da missão, está se encarnando o corpo no mundo. Do contrário, “como fazer com que os membros verdadeiramente se sintam parte de uma comunidade mundial? [...] Um corpo se caracteriza por sua ação. Se falamos de corpo ou comunidade, mas nunca fazemos algo realmente comum, corremos o risco de que a expressão ‘comunidade mundial’ seja apenas uma aspiração. Somos um corpo quando atuamos conjuntamente”.

Este nível está no topo do *iceberg*. As prioridades inspiram ações concretas em todo o mundo, encarnando universalmente a resposta que a CVX quer dar às questões mais urgentes do mundo de hoje. E como o mundo é dinâmico, essas prioridades também são. Por isso, devem ser revistas de modo permanente.

* * *

O modelo do *iceberg* nos ajuda a visualizar os distintos níveis da missão da CVX e assim a refletir sobre a forma como interagem entre si para formar uma unidade.

A base de toda a missão CVX está na vida ordinária e não poderia ser diferente. Afinal, o próprio Jesus viveu por 30 anos uma vida comum em Nazaré, convivendo com sua família, trabalhando, indo ao templo... E foi assim que aprendeu a partilhar das dores e alegrias do povo e a confrontar a realidade vivida com a experiência de Deus que fazia.

Assim como a missão de Jesus teve suas bases lançadas na vida oculta em Nazaré, é a vida oculta dos membros da CVX que lança as bases de nossa missão. São nos encontros vividos a cada dia e nas interpelações que as mais variadas situações nos provocam que vamos percebendo por onde Deus quer nos levar. Há situações que parecem nos remoer por dentro e nos fazem querer gritar: “isso não é cristão!”, ou “isso está errado!”, ou ainda “isso é injusto!”. Mas há também aquele gesto de solidariedade, um abraço, uma acolhida, que nos comovem e nos chamam a ser pessoas melhores.

Não é de outro lugar, mas precisamente deste jogo de emoções e sentimentos colocados em oração, que nasce o desejo de a pessoa dedicar parte do seu tempo para um apostolado. Por exemplo, é muito comum que a pessoa que faz voluntariado em um hospital já tenha vivido algum caso de doença grave na família.

Por sua vez, quando a CVX se compromete institucionalmente com uma causa, certamente isso não surge do nada. De fato, as obras da CVX em geral nasceram de iniciativas de membros que realizavam algum apostolado. Eram a princípio “respostas particulares”, mas as circunstâncias (como um pedido de ajuda, por exemplo), levaram a comunidade a discernir e a assumir a obra como missão comum.

Essa noção certamente vale também para a ação internacional. Afinal, quando a Assembleia Mundial da CVX elege suas prioridades apostólicas, parte-se daquelas experiências e dos trabalhos que já vão sendo realizados pelas comunidades nacionais. E, finalmente, essas linhas prioritárias, as chamadas fronteiras, são como um elo entre a vida de cada membro e a comunidade mundial. Elas nutrem o primeiro nível da missão, ajudando os membros a perceber que nas suas menores atitudes estão colaborando com a missão do corpo.

Em resumo, os níveis de missão não são como compartimentos fechados e não “disputam” entre si. Eles formam parte de um grande todo articulado. De forma alguma representam uma hierarquia, com os níveis mais “altos” sendo mais importantes. Todos eles são a nossa missão, ainda que de modo distinto! E a virtude do cevequiano não está em equilibrar os níveis de missão. Não se trata meramente de conciliar família com apostolado, ou prioridades da CVX com prioridades pessoais, e assim sucessivamente. A virtude está em viver todas essas dimensões sem distinção, como respostas de uma única missão. Na unidade da missão comum, não há qualquer oposição entre “encontrar a Deus em todas as coisas” e “levar Deus às fronteiras aonde ninguém quer ir”.

Somos realmente chamados a viver em profundidade nossa vida ordinária e a reconhecer isso como missão. Mas com uma força de igual intensidade somos chamados às fronteiras, e a resposta que devemos dar é simultaneamente – e igualmente – pessoal e comunitária: cada membro CVX é chamado a encarnar na sua realidade nossa missão comum. Será que damos conta disso?

3.2. Não importa a que ponto chegamos, importa caminhar juntos!

De alguma forma, o que eu afirmei foi que “modelo do *iceberg*” responde de modo criativo às demandas do nosso tempo. Ficam as perguntas: como confirmar se vamos indo pelo caminho certo? Não estamos perdendo tempo com um sonho grande demais para nós?

As respostas não me parecem “um bicho de sete cabeças”. Perguntar se a CVX Brasil vai pelo caminho certo é perguntar: reconhecemos na nossa comunidade claramente a presença dos 4 níveis de missão? Nesse sentido, me atrevo a dizer que a CVX Brasil precisa “colocar a cabeça para fora d’água”. Em outros termos:

1) Essa assembleia precisa reconhecer as prioridades apostólicas da CVX Brasil e dar nome a elas, ou no mínimo dar encaminhamentos **bastante concretos** nessa direção. É provável que essas prioridades já existam, o que precisaríamos fazer é tomar consciência destas escolhas já feitas e dar visibilidade a elas.

2) Uma vez reconhecidas as prioridades, o que fazer para que elas sejam de fato prioridades? O que significa de maneira concreta para a CVX Brasil ter uma prioridade apostólica? Como articular a comunidade nacional em torno destas prioridades? A CVX Brasil precisa apoiar os membros com desejo de dar visibilidade a essas fronteiras. É claro que se trata de oração, mas também de financiamento, formação, entre outros.

Quanto a perguntar se isso é um sonho é grande demais para nós, quero iluminar essa resposta com um trecho da carta de São Paulo à comunidade dos Filipenses:

Irmãos, não acho que eu já tenha alcançado o prêmio, mas uma coisa eu faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo. Portanto, todos nós que somos perfeitos devemos ter esse sentimento. E, se em alguma coisa vocês pensam de maneira diferente, Deus os esclarecerá. Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direção (Fl 3, 7-16).

Não podemos esquecer que Jesus, humanamente, foi um grande fracasso. Mesmo no fim, quando já era evidente que fracassaria, foi fiel ao seu projeto até o fim. Diante disso, deixemos as palavras de São Paulo ecoar em nossos corações: “lanço-me para frente, em direção à meta!”. Não tenhamos medo de gastar nossa vida diante de uma missão que parece grande demais, não nos deixemos intimidar! Não tenhamos medo de sonhar e de nos propor a objetivos audaciosos!

As divergências na comunidade sempre vão existir. E é o próprio Espírito que as suscita! É sinal de uma comunidade viva e atenta à escuta do Espírito. Devemos dar graças e louvores por elas, afinal é da tensão que nasce nossa missão. Contudo, guardemos com todo o amor as últimas palavras de São Paulo: “qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direção”. É verdade que a tensão deve ser sempre mantida e que não podemos afrouxar. Mas jamais deixemos que as diferenças rompam a unidade. Não podemos deixar que nossas percepções e desejos pessoais sejam colocados acima da comunidade. Não podemos ser intransigentes! Afinal, queremos colher o resultado de nossos esforços ou o fruto da ação de Deus?

A abertura ao amor e a ação de Deus nos levam por caminhos que não podemos prever. No final de tudo, não sei onde isso vai dar e nem onde vou estar, mas sei com quem vou estar: estaremos juntos!

** Este texto é adaptação do original **Sinal de Contradição é a minha missão**, apresentado pelo autor como trabalho de conclusão do módulo de Espiritualidade Laical do Programa de Formação Teológica Magis 4.*